

tradição conserva, ou descrevem os livros”<sup>2</sup>. O Palácio da Ribeira, onde se localizava a Livraria d’El Rei, foi destruído e, com ele, quase toda a Real Bibliotheca da Ajuda. Candide, personagem de Voltaire, depois de múltiplas aventuras, chegava a Lisboa, ele e seus amigos, justamente nesse dia: “Mal puzeram os pés na cidade sentiram a terra tremer sob os seus passos; o mar espumante começava a invadir o porto e a arrebentar os navios ancorados. Turbilhões de chamas e de cinzas cobrem as ruas e as praças públicas; as casas desmoronam sobre os seus alicerces e os alicerces se desmancham; 30 mil habitantes, de todas as idades e sexos ficam esmagados sob as ruínas.” Pouco sobrou de Lisboa. Muito pouco sobrou da bela Livraria juntada pacientemente por D. João I, D. Duarte e D. Afonso V. Fora-se quase toda junto com o palácio. D. José I (avô de D. João VI), sem tardar, tratou de juntar as sobras do incêndio e a organizar uma nova biblioteca. Logo no ano seguinte, adquiriu a coleção de Nicolau Francisco Xavier da Silva e, em 1757, os manuscritos do colecionador 2º Conde do Redondo. Em 1760 juntou à sua biblioteca os livros deixados por José Maria Montarroio Mascarenhas e, entre 1770 e 1773, recebeu, como presente, “a numerosa e rica livraria pacientemente amontoadada pelo douto abade de Santo Adrião de Séver, o padre Diogo Barbosa Machado”<sup>3</sup>, composta de 4 301 obras, em 5 764 volumes. Ainda em 1773 foram incorporados à Biblioteca os livros do Dr. Miguel Franzini (192 volumes), e o artista inglês G. Dugood doou ao rei os seus inúmeros códices manuscritos e estampas preciosas, de sua propriedade. Em 1779 foi comprado um caixote de livros ao Dr. Bartholomé Ulchoa, de Madri, e, em 1793 foram igualmente incorporados os livros e códices do Cardeal da Cunha. Com a prescrição dos padres jesuítas, em Portugal, a biblioteca do Colégio de Todos os Santos, na Ilha de São Miguel, nos Açores, veio também se incorporar à Real Biblioteca. Num folheto intitulado *Processos célebres do Marquês de Pombal* (1882), relata-se que a Biblioteca Real da Ajuda, menina dos olhos d’El Rei, nunca parou de crescer: seja com os livros dos Cônegos de São Vicente de Fora, quando estes foram transferidos para o Mosteiro de Mafra e ficaram privados de suas coleções, seja com os numerosos espólios de bibliófilos condenados à morte ou ao exílio.